



LIVROS

RITA MONALDI E FRANCESCO SORTI

Desvendar as mentiras da História

Depois do êxito do romance de estreia, *Imprimatur*, a dupla de autores italianos prossegue o último rei espanhol da dinastia dos Habsburgos,

Focus – Como fizeram a descoberta da falsificação do testamento?

Monaldi e Sorti – Muito simples. Tínhamos feito pesquisa em arquivos e bibliotecas e concluímos que existem muitas cartas de Carlos II de Habsburgo, o último Habsburgo de Espanha, em que ele escreve publicamente que quer nomear como herdeiro ao trono o arquiduque Carlos de Áustria, filho do imperador Willem Leopold. Depois, abre-se o seu testamento e lê-se que nomeou Filipe de Anjou, enquanto vivo sempre disse não querer franceses no trono de Espanha. Isso intrigou-nos e a primeira coisa que nos propusemos fazer foi encarregar dois peritos em grafologia, que trabalharam separadamente. Ambos fizeram uma perícia grafológica sobre a assinatura. Os dois, independentemente do outro, disse-

“Os espanhóis não tiveram medo de falar deste tema”

ram que é falsa. Ficámos surpreendidos que ninguém antes de nós tenha pensado nisto.

Focus – A que se deve a ignorância?

M. e S. – O problema dos docentes universitários, dos estudiosos que ensinam História, é que frequentemente baseiam-se em livros de outros professores e não vão aos arquivos ver os documentos originais. Nós os dois fomos aos arquivos, pesquisámos, encontramos e lemos.

Focus – Quais foram as consequências após a publicação do livro?

M. e S. – Após a publicação de *Secretum*, em Espanha, houve muita discussão, muito debate entre republicanos, comunistas, todos os grandes jornais escreveram e fizeram títulos a propósito do assunto. Apreciámos muito o funcionamento democrático de Espanha, que não teve medo de falar deste tema, o equilíbrio dos jornais espanhóis, mas também do próprio rei Juan Carlos de discutir a falsidade deste testamento, do ponto de vista histórico.

Focus – Que tem repercussões sérias na actualidade.

M. e S. – A nossa intenção não foi pôr em perigo a monarquia espanhola por causa disto, até porque toda a História do mundo, sabêmo-lo, baseia-se na falsidade, na injustiça. A maior injustiça é a guerra, porque não vence o mais justo mas sim o mais forte. Em Espanha houve uma reacção muito diferente da que tivemos em Itália. Dizêmo-lo com muito desagrado e mágoa, mas Itália é um país mafioso.

Focus – Talvez porque tenham tocado em algo muito sagrado como o Vaticano, como aconteceu com *Imprimatur*.

M. e S. – Não creio. Foi muito estranho o que aconteceu. Ninguém nos disse nada, simplesmente ficámos de fora, fomos eliminados a começar pelo próprio catálogo da nossa editora, a Mondadori. No catálogo dos livros

publicados em 2003 estavam lá todos os títulos menos o nosso. As livrarias online, na Internet, retiraram os comentários ao nosso livro feitos pelos leitores, como se nunca tivesse existido. O livro desapareceu das livrarias, como se *Imprimatur* nunca tivesse sido publicado em Itália. Revoltámo-nos contra este boicote e decidimos que se tinham feito isto a *Imprimatur* então bastava, não voltávamos a publicar em Itália, mas apenas em traduções noutros países.



a série com **Secretum**. O livro que demonstra que o testamento de Carlos II de Espanha, foi falsificado. A descoberta alimentou acesa polémica

“A nossa intenção não foi pôr em perigo a monarquia espanhola por causa disto”



Focus – *O facto de terem sido jornalistas ajudou-os a ter mais consciência de tudo isto?*

M. e S. – Ajudou numa coisa: sabemos como os meios de comunicação funcionam. Se um artigo não aparece publicado dentro de três meses significa que nunca o será. Em Itália tudo depende de dois grandes jornais – *Corriere de la Sera* e *La Republica* – e os chefes das secções culturais estão em estreitíssimo contacto com as casas editoriais e fazem o que essas casas querem. Em muitos países não é assim, a imprensa é mais livre e independente.

Focus – *No final da série, que são sete livros, os títulos formam uma frase em latim. O que significa?*

M. e S. – A frase a que se refere vem da nossa experiência como jornalistas, em que ficávamos tão felizes quando publicávamos um artigo pensando que tínhamos dado o nosso contributo para o apuramento da verdade. Mas depois, ao fim de algum tempo, descobre-se que há uma verdade mais profunda.

Focus – *Mas não revelam os dois últimos títulos.*

M. e S. – Por enquanto é segredo.

Focus – *Como saíram do jornalismo para esta busca obsessiva?*

M. e S. – Não é que tenhamos decidido no sentido mais estrito. Era a nossa paixão e tornou-se no nosso trabalho porque tivemos sucesso. Estamos traduzidos em 21 línguas e publicados em cerca de 50 países.

Pensámos em escrever um romance e, nesse período, os jornais em que trabalhávamos fecharam. Encon-

tramo-nos com muito tempo livre e decidimos não procurar outro emprego, estávamos desiludidos. A certo ponto dissemos ‘vamos viver das nossas poupanças e escrevamos *Imprimatur* e quando terminarmos a escrita regressamos ao jornalismo’. Só que este foi o livro dos nossos sonhos.

Focus – *Foi uma verdadeira paixão?*

M. e S. – Uma grande paixão. Fizemos muitos sacrifícios financeiros. Não comprámos roupa, andávamos todo o dia em pijama (risos). Os nossos livros são, para além disso, caros. Gastámos muito dinheiro em viagens, fotocópias, fotografias e microfilme. Muitos documentos nos arquivos não podem ser fotocopiados, têm de ser fotografados e isso custava tanto, cerca de dois euros cada página. Foi um grande sacrifício financeiro. Para *Imprimatur* fizemos pesquisa em diversos arquivos por toda a Europa.

Focus – *Imprimatur está a ser adaptado ao cinema.*

M. e S. – Sim, agora estão a fazer um filme de *Imprimatur*. É a mesma produtora dos filmes de Peter Greenaway. Sairá dentro de três anos.

Focus – *Têm os dois filhos pequenos. Como conciliam a educação deles com o vosso trabalho?*

M. e S. – Escrevemos como vivemos, sem divisão de papéis. Trabalhamos muito. Fazemos questão de não ter horários, de não separar o trabalho da família. Os nossos livros são também como filhos.

Focus – *Como conseguem escrever a quatro mãos?*

M. e S. – Escrevemos os dois, cada um no respectivo computador, que estão ligados, e depois, no fim do dia, mostramos um ao outro o que escrevemos, lemos, discutimos. No fim já não sabemos quem escreveu o quê. ●

PAULA MACEDO (TEXTO)
E JOSÉ PEDRO TOMAZ (FOTO)

